

MARX E A PRODUÇÃO DO LAZER NA CONTEMPORANEIDADE

Marianna de Alencar e Souza¹**RESUMO**

O presente artigo busca performar uma fuga do lugar comum em relação as análises das propostas de Marx. Em um esforço reflexivo, realizado a partir das obras desse mesmo autor, busca-se, durante o presente desenvolvimento, interpretar sua propostas e utilizá-las dentro da concretude de um fenômeno que hoje, pode ser considerado uma categoria “boa para pensar”: o lazer. Este trabalho, define-se como uma tentativa em relacionar temas que se complementam, fornecendo assim, um feixe de luz sobre uma questão que também, imersa na obscuridade da concepção natural das coisas, é reproduzida e legitimada por uma sociedade entorpecida pela “coisificação” de suas relações. Ao invés de formar um panorama geral, ressaltando a importância dos estudos marxianos, conceituando termos por ele utilizados e desenvolvidos, resolveu-se, a partir do substrato que compõe sua teoria, e alguns outros de seus elementos principais, propor uma reflexão a cerca do fenômeno do lazer. Este, por sua vez, tem sua reprodução tatuada no tecido da sociedade de uma forma tão natural e lógica que sequer é questionado. Para respaldar essa abordagem, serão utilizados alguns pensadores Frankfurtianos que, através de seus desenvolvimentos críticos, sobretudo no que diz respeito à indústria cultural, teorizaram a cerca dos perigos presente nesse movimento de subjugo ao capitalismo. A Indústria Cultural conseguiu dar formas comerciais a elementos, supostamente, originários da mais profunda subjetividade humana, como a arte, conseguiu despir o lazer e sua diversão da ingenuidade que residia em suas práticas, enfim, aperfeiçoou e explorou as mercadorias. Sabidamente, conservou-se como a indústria da diversão. No entanto, essa suposta diversão, oferecida pela indústria cultural, é, na realidade, “um prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio”.

Palavras-chave: Lazer, trabalho, capitalismo, indústria cultural, mercadoria.

A civilização capitalista não tem sido somente uma civilização bem sucedida. Acima de tudo, tem sido uma civilização sedutora. “Tem conseguido seduzir até suas vítimas e oponentes.” (Wallerstein, 2001 como citado em Ouriques, 2005 p. 49)

Em primeiro lugar, gostaria de ressaltar que o presente texto é, ao mesmo tempo, uma fuga do lugar comum (evitando assim recriar uma exposição exaustiva e saturada dos conceitos e proposições marxianas), em um esforço reflexivo, realizado a partir das obras de Marx, busquei, durante esse desenvolvimento, interpretar suas propostas e utilizá-las dentro da concretude de um fenômeno que hoje, pode ser considerado uma categoria “boa para pensar”: o lazer.

MARX E A PRODUÇÃO DO LAZER NA CONTEMPORANEIDADE

É válido ressaltar que, a construção da categoria lazer, nesse artigo, é desenvolvida sobre a perspectiva apresentada na obra de Dumazedier, *Lazer e cultura popular* (Dumazedier, 1976). Assim, quando apresentado e citado o referido termo, roga-se pelo entendimento desse, através de suas representações populares.

Embora haja definições precisas sobre o conceito de lazer, não é objetivo do texto ignorar o debate sobre as formas periféricas e subjetivas dessa atividade, assim, a operacionalização do termo será relacionado às formas mais popularizadas de lazer como o cinema, a televisão e as viagens. A recorrência a essas categorias se encontrará de forma implícita durante o desenvolvimento desse trabalho.

No entanto, a presente explicação se justifica pela necessidade de nortear o leitor a cerca de algumas das formas mais banalizadas de lazer, evitando assim, que esse se perca em construções de categorias pessoais, colocando-se de fora do objeto proposto: formas populares de lazer.

Qualquer trabalho que tenha como pretensão realizar a exegese das obras de Marx se constitui em uma tarefa mais do que árdua. Que os estudos realizados por ele seriam de fácil compreensão, nos conduz a um ledão engano... Engano este, gerado pela concepção ilusória de que, ao tratarmos da obra de Marx, abordaríamos

temas tão comuns e “naturais” que dispensariam explicações ou análises mais profundas. É justamente neste ponto que se concentra um dos ápices da relevância do estudo das obras marxianas: a desnaturalização da constituição do social ao longo da história. Este, por sua vez, é, de fato, o resultado da forma como a sociedade capitalista se estrutura.

A complexidade em que se desdobrou o objeto de estudo marxiano, nos forneceu, não só um rico manancial de ideias, mas também de contradições que, até hoje, permeiam, desde as discussões mais informais, até a formulação de novas teorias.

O trabalho desse pensador se baseia em um processo extremamente complexo (que muitas vezes passa despercebido, dada a superficialidade de alguns leitores). A ideia central, não se reduz simplesmente ao materialismo dialético como socialismo científico, Marx desenvolve uma criação que desmente aquilo que existe através de um processo também reflexivo. As propostas elaboradas pelo autor não se limitam apenas ao um empreendimento político, mas, também, à realização de uma auto-transparência, através de uma reflexão dolorosa sobre condição do proletariado.

Considero este trabalho como uma tentativa de relacionar temas que se complementam, fornecendo assim, um feixe de luz sobre uma questão que

MARX E A PRODUÇÃO DO LAZER NA CONTEMPORANEIDADE

também, imersa na obscuridade da concepção natural das coisas, é reproduzida e legitimada por uma sociedade entorpecida pela “coisificação” de suas relações.

Ao invés de formar um panorama geral, ressaltando a importância dos estudos marxianos, conceituando termos por ele utilizados e desenvolvidos, resolveu-se, a partir do substrato que compõe sua teoria, e alguns outros de seus elementos principais, propor uma reflexão a cerca de um fenômeno: o lazer. Este, por sua vez, tem sua reprodução tatuada no tecido da sociedade de uma forma tão natural e lógica que sequer é questionado.

Acredita-se, contudo, que essa relação mereça um desenvolvimento maior, com reflexões mais detalhadas a respeito dos conteúdos e ideias, entretanto, para não exceder e fugir as especificações do presente trabalho será abordado, de uma maneira mais genérica, os temas que seriam os elos para a formação dessa proposta.

Dentro desta perspectiva, serão utilizadas algumas obras, bem como conceitos (materialismo histórico, mercadoria, alienação...) desenvolvidos por Marx, os quais são peças-chave para a redação de um texto que busca a aproximação dos temas anteriormente expostos, ou seja, partindo de um “pano de fundo” marxista, (recorre-se ao termo

marxista como uma fuga à repetição lexical, no entanto, zela-se aqui, pela não vulgarização e interpretação desta terminologia como uma referência radicalizada das ideias formuladas por Marx. Assim, como o próprio autor, aqui, também, desconsidera-se a possibilidade de uma abordagem marxista ortodoxa, que converteria suas análises a ideologias extremas) será relacionado este, a outros autores, que, ao permitirem tal interseção, ajudariam a construir uma rápida visão do lazer na contemporaneidade, fundamentado, em particular, a partir das proposições encontradas em algumas obras de Karl Marx.

Inicialmente, um ponto que é fundamental para a compreensão do desenvolvimento das concepções marxistas é a crítica deste à filosofia idealista Hegeliana. Embora Marx “derive”, de certa forma, da estrutura básica do pensamento Hegeliano, encontra-se, porém, posteriormente, uma forte crítica à teodicéia laicizada presente no pensamento de Hegel.

Para Hegel “tudo que é real é racional, e tudo que é racional é real”. O espírito ganha consciência de si através dos elementos de contradição encontrados na história ideal, ou seja, a realidade histórica desenvolve-se enquanto manifestação da razão, esta é a concepção dialética idealista de Hegel, baseada em uma filosofia da

MARX E A PRODUÇÃO DO LAZER NA CONTEMPORANEIDADE

história, que cria para nós, uma fórmula que desce “do céu para a terra”. A ideia entra em contradição com as relações materiais e transforma as condições históricas.

Paralelamente apresenta-se, ainda em Hegel, o tema da consciência alienada, esta, por sua vez, ligada a um outro tópico recorrente ao pensamento político e filosófico do séc. XVIII: O subjugo do homem pela sua criação, aprisionando-o a vida material. Assim, sua liberdade estaria na recuperação da autoconsciência, dessa forma, a história dos povos se traduziria, no processo através do qual, a Razão alcançaria progressivamente este destino.

Em *A Ideologia Alemã* (Marx e Engels, 2007) vemos como Marx e Engels, embora inicialmente seduzidos pela teoria de Feuerbach (a alienação tem suas raízes no fenômeno religioso, que submete os homens às forças divinas, e que, embora criada por eles, são percebidas como superiores e autônomas.) acabam por refutá-la, considerando sua abordagem e problemática simples fraseologias. Ainda dentro desta mesma obra, encontramos a crítica ao idealismo Hegeliano e a inversão desse sistema explicativo, em que os autores executam a reformulação do processo de produção da história e desenvolvem um modelo ascendente (da terra para o céu), nos oferecendo então, a

filosofia da práxis, articulada à dialética e o materialismo (Marx & Engels, 2003)

Dessa forma, em linhas gerais, o pensamento Hegeliano é ultrapassado pela inversão marxista, movimento este, que articula os processos materiais como formadores da consciência, ou seja, é somente através das nossas relações materiais que nossos ideais são expressos. Esse método explicativo, ou melhor, esse método de compreensão denomina-se materialismo histórico.

As relações humanas estariam estabelecidas sobre o modo como os homens produzem seus meios de vida, juntamente com as relações materiais estabelecidas entre estes. Em última instância, o pensamento e a própria consciência seriam resultados da relação homem/natureza, ou seja, as relações materiais. Essas relações, não possuiriam um caráter estabilizador, de harmonização, haveria em seu interior, fortes sentimentos contraditórios, e, uma vez concretizados, estabelecer-se-ia um estado de tensão generalizado e propenso a frentes revolucionárias.

No entanto, para que fosse levada a efeito, uma insurreição só seria possível mediante a passagem do que Marx chamava de “consciência de classe em si” para “consciência de classe para si”, ou seja, somente a partir da tomada de consciência referente à exploração que

MARX E A PRODUÇÃO DO LAZER NA CONTEMPORANEIDADE

sofriam, é que seria provável uma guinada na história dos modos produtivos. Tomada de consciência + ação política = liberdade. Essa relação conflituosa, porém, para Marx, seria uma constante, presente em quase todos os modos de produção da história.

A exposição até aqui realizada teve como objetivo, para a presente proposta, enfatizar o caráter materialista que se faz fortemente arraigado no corpo das relações sociais modernas. É a partir desse ponto (após estabelecida a estrutura materialista como elemento constitutivo do esqueleto social), que aventurar-se-á por uma realização da conversão entre o pensamento marxiano e o lazer.

Dentro das discussões marxistas a cerca da produção e reprodução, algo se destacou:

A fome é a fome, mas a fome que se satisfaz com carne cozinhada, comida com faca e garfo, não é a mesma fome que come a carne crua, servindo-se das mãos, das unhas, dos dentes. Por conseguinte, a produção determina não só o objeto do consumo, mas também o modo de consumo, e não só de forma objetiva, mas também subjetiva. Logo, a produção cria o consumidor. (Marx, como citado em Quintanero, 2002 p.33).

Em um primeiro momento temos os homens dominando as circunstâncias naturais no sentido de se proverem daquilo

de que necessitam, no entanto, essa produção gera necessidades que estão além das necessidades fisiológicas humanas, criam-se produtos da existência social.

Esse processo de produção e reprodução está sobre o ponto fundamental do pensamento de Marx, o trabalho. É através deste que se constrói a “história dos homens”, é sobre ele que se desenvolve o materialismo histórico.

No entanto, apesar do trabalho, sua exploração e suas condições serem elementos fundamentais para Marx, os esforços serão concentrados não em efetuar mais uma análise dessas temáticas. Aqui, atem-se ao momento do não trabalho. Se para Marx, o proletário era imerso em um profundo processo de alienação, era estranho a si mesmo e ao produto por ele desenvolvido, encontraríamos, por outro lado, um breve momento de alívio, contido nas horas de não trabalho, tempo esse, que serviria para a reposição das forças, para a recuperação das energias físicas e psíquicas (?).

Anteriormente ao desenvolvimento do conceito de alienação marxista e seus desdobramento para o presente estudo, julga-se ser relevante a discussão de outra temática também muito cara à compreensão de toda teoria de Marx, a mercadoria e seu fetichismo.

Presente em *O Capital* (Marx, 1988), o termo mercadoria ganha

MARX E A PRODUÇÃO DO LAZER NA CONTEMPORANEIDADE

significado, por incorporar a unidade analítica mais simples de uma sociedade capitalista. O vocábulo mercadoria adquire não somente a forma materializada de produtos destinados ao consumo, como também representam a força de trabalho em si, “livremente” comercializada entre aqueles que detêm os meios de produção e aqueles que não os possuem.

Dessa forma a mercadoria se caracteriza como

... um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia...(Marx, 1988, p. 41).

Nesse ponto, é possível compreendermos que, assim como as necessidades relacionadas à concretude da vida física devem ser atendidas, outras necessidades, agora de caráter abstrato, são ao mesmo tempo em que geradas, passíveis de serem sanadas através da aquisição de uma mercadoria. E, ao estender um pouco mais essa construção, seria possível dizer que, com a complexidade das sociedades e, obviamente, do trabalho, não é mais possível ficarmos presos à ideia de mercadoria como um simples produto tangível, palpável.

Em uma sociedade complexa, com um modo de produção capitalista já avançado, encontramos uma conotação, e até mesmo uma denotação que está além

de uma dimensão corpórea da mercadoria. Assim, como a força de trabalho se “coisifica”, e é comercializada, a mercadoria também se torna uma realidade abstrata. O poder de apropriação, hoje, não diz respeito somente aos meios de produção. As classes dominantes, formadas por um corpo tentacular, vão abarcar os elementos mais subjetivos, íntimos, elementos que acreditávamos estarem isentos de quaisquer forças manipulativas.

Da mesma forma que Marx nos descreve a caracterização de uma determinada mercadoria, ele também nos revela a relação entre o fetiche da mesma e seu consumo. Assim, nos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* de 1844 (Marx, 1987): “Cada produto é uma isca com a qual quer atrair o ser dos outros...” (Marx, 1987, p. 183).

Marx então, sobre o ar misterioso que encobre a mercadoria, elabora tal característica como o fetichismo daquela e assim nos apresenta esse como possível de: (...), encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerente aos produtos do trabalho; por ocultar, portanto, a relação entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre os produtos do seu próprio trabalho (...). Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação

MARX E A PRODUÇÃO DO LAZER NA CONTEMPORANEIDADE

entre coisas (Marx, como citado em Ouriques, 2005, p. 50).

Da mesma forma, sobre essa capacidade de embaçar completamente a relação bem como o trabalho existente por trás da produção da mercadoria, Lukács em *a História e consciência de classe* (1989) desenvolve as consequências em relação aos desdobramentos objetivos e subjetivos que o fetichismo trás para as relações humanas de fato.

Objetivamente, surge um mundo de coisas acabadas e de relação entre coisas (o mundo das mercadorias e do seu movimento no mercado). É verdade que os homens vão descobrindo as leis que regem tais objetos, mas, ao mesmo assim, estes lhe são confrontados como outras tantas forças insuperáveis que geram o seu próprio poder (...). Subjetivamente, a atividade do homem – onde a economia de mercado desenvolveu-se plenamente – torna-se estranha a ele próprio, transforma-se numa mercadoria que, sujeita à objetividade não-humana das leis naturais da sociedade deve trilhar seu caminho próprio, independentemente do homem, como qualquer outro artigo de consumo (...). (Lukács, como citado em Ouriques p. 51)

Um aprofundamento de tal teoria feita por Guy Debord (1997) nos remete a uma transcendência da era do ter à era do parecer. Assim, complementando e refinando a teoria de Marx, chegamos a uma etapa social em que vivemos sob o fetichismo do espetáculo, onde o tangível do *loco* cede espaço ao poder das imagens. Dessa forma,

“O espetáculo, como tendência a fazer ver... o mundo que já não se pode tocar diretamente, serve-se da visão como sentido privilegiado da pessoa humana – o que em outras épocas fora o tato; o sentido mais abstrato, e mais sujeito a mistificação, corresponde à abstração generalizada da sociedade atual” (Debord, 1997, p.18).

É como se desenvolve o conceito referente a ideia de panóptico de Foucault, uma perspectiva arquitetônica controladora, vista aqui, como se estivéssemos saindo da dominação dos espaços quadrados, onde trabalhamos e assumimos compromissos sociais, para vivermos novamente em ambientes lineares de dominação.

O lazer seria um desses elementos. Não só o concebemos como uma mercadoria, mas também o submetemos aos desmandos daqueles que estão “no topo da cadeia alimentar”. Fato esse, muito bem circunscrito em *A luta de classes na França* (Marx, 1996).

Para traçar de forma mais bem definida, quando me refiro ao lazer, falo de uma espécie de “terceiro tempo”, longe do trabalho, dos compromissos sociais e até mesmo fisiológicos, lazer aqui, nos remete ao tempo liberado, pertencente ao indivíduo e somente a ele.

Para Marx, o lazer constitui o “espaço que possibilita o desenvolvimento humano”; para Proudhon é o tempo que permite as “composições livres”; para Augusto Comte é a possibilidade de desenvolver a

MARX E A PRODUÇÃO DO LAZER NA CONTEMPORANEIDADE

“astronomia popular”, etc. Engels, enfim, pedia a diminuição das horas de trabalho a fim de que todos tivessem tempo suficiente para participar dos negócios gerais da sociedade (Dumazedier, 2004 p. 29).

A importância e crescimento do Lazer para as sociedades contemporâneas dispensam desenvolvimentos extensivos, no que se refere a sua conceituação e imperatividade.

Atualmente, são seus desdobramentos que se justificam como pontos principais de análise, a formulação de perspectivas mais amplas sobre o lazer, podem gerar novas abordagens e cenários para se pensar a sociedade.

O desenvolvimento dessa atividade tem passado por importantes mudanças, que por sua vez, estão relacionadas às alterações ocorridas no próprio campo do trabalho.

Todas as proposições marxianas que foram sendo desenvolvidas até aqui, não só fundamentam o presente artigo, ao mostrar a forma como o capitalismo baliza as relações de trabalho, as mercadorias, mas também, a partir de sua lógica de operação, e até mesmo por causa dessa, o trabalho, em uma sociedade pós-revolução industrial, se reorganiza e deixa de ocupar um papel central, como progenitor dos valores e símbolo de realização pessoal, no entanto, continua a influenciar as atividades cotidianas (Magnani, 2000).

Daí, a relevância em estudar a sociedade através de outras atividades, mas à luz, dos conceitos que há muito norteiam o sentido dessa.

Nesse contexto, acredita-se que o Lazer possa, de certa forma, contribuir para a formação de ideias sobre os rumos das sociedades contemporâneas. Muito já foi estudado sobre o comportamento do homem em relação ao trabalho, cabe agora, reflexões a cerca do homem no momento do não trabalho, as formas de ocupação desse tempo livre reflete diretamente a reordenação social.

Mais do que compreender o lazer como uma atividade necessária, é preciso empreender um esforço reflexivo ao movimento do retorno dessa prática à sociedade, ou seja, a forma como utilizamos nosso tempo livre incide sobre a sociedade. O lazer também pode ser visto como um produtor de sociabilidade e não só como um fruto dessa.

Ao retomar a relação entre Marx e o lazer, se faz válido um resgate histórico, como forma de elucidar o abarcamento do tempo livre pela classe burguesa operante das práticas capitalistas,

Durante o século XIX surgiu uma preocupação, por parte da aristocracia burguesa bem como da Igreja, em exercer certo controle sobre as poucas horas livres que a classe trabalhadora possuía. Para os integrantes do clero e da mais alta classe

MARX E A PRODUÇÃO DO LAZER NA CONTEMPORANEIDADE

social, as diversões populares haviam se tornado um entrave no rendimento do proletariado durante o trabalho. O tempo ocioso dos trabalhadores era um período preenchido por atitudes depravadas e de extrema ignorância. Assim, as viagens de trem organizadas pela Igreja se tornaram uma forma de monitorar o tempo livre da classe operária.

Em meados do século XIX, os religiosos e burgueses tinham percebido as vantagens das viagens de trem... vitória contra as diversões populares depravadas e a possibilidade de aumentar o rebanho dos servos de Deus... Para os capitalistas, era uma forma de diversão controlável e disciplinada, que poderia acabar com as anárquicas manifestações nas ruas e com as bebedeiras dos domingos e segundas-feiras.” (Ouriques, 2005, p. 30).

Dessa forma, a classe operária passa a ter, ao invés de um tempo preenchido pela falta de atividades produtivas, um período pressuposto de alguma forma de lazer programada.

Nesse momento, o Lazer não só se submete aos desmandos do capitalismo, mas, se padroniza horizontalmente, se estende ao conjunto da classe operária da mesma forma e ganha espaço fundamental na sociedade, passando a ser enxergado como um valor que se sobrepõe ao sentido de ociosidade. Diferentemente do que havia sido anteriormente reivindicado por

Lafargue em *Le droit à la paresse* (Lafargue, 1983). O lazer, paradoxalmente acaba por pressupor o trabalho. E, valendo-se da ideia maquiavélica, o lazer passa a ser, pelo menos subjetivamente, a atividade principal de uma sociedade, ou seja, se constitui como um fim e o trabalho com um meio.

No entanto, uma vez inserido na lógica da operação do modo capitalista, a pseudo liberdade do lazer não sai mais de graça, seja através do capital ou da submissão à tendência geral, mais uma vez, teríamos a pressão externa para nortear nosso tempo livre.

A questão central, porém, é: existiria de fato a possibilidade de interpretarmos o lazer como um espaço de tempo verdadeiramente livre?

Para conjecturar a respeito de tal questionamento, considero necessário trabalhar sobre o conceito de alienação. Marx desenvolve esse conceito, que por sua vez, pode ser sistematizado em três aspectos relacionais:

Trabalhador e produto: o produto e seu trabalho são alheios a ele.

Trabalhador e trabalho: a atividade de seu trabalho também não esta sob seu domínio.

Trabalhador consigo mesmo: Coisificação das relações humanas.

... O operário nem sequer considera o trabalho como parte de sua vida, para ele é, antes um sacrifício de sua vida. É uma mercadoria transmitida a terceiros... O que produz para si mesmo é o salário... Para ele a vida começa quando terminam

MARX E A PRODUÇÃO DO LAZER NA CONTEMPORANEIDADE

essas atividades... (Marx, como citado em Quintanero, 2002, p.49)

De forma concisa, a alienação é um fenômeno possibilitado por essa estrutura de relações capitalistas baseadas na exploração de uma classe que fica ao subjugo daqueles que detêm os meios de produção. Aí esta a origem da alienação marxista, juntamente com a divisão social das classes e a dominação política de uma sobre as outras.

O ser *estranho* ao qual pertence o trabalho e o produto do trabalho, para o qual o trabalho está a serviço e para a fruição do qual [está] o produto do trabalho, só pode ser o *homem* mesmo. Se o produto do trabalho não pertence ao trabalhador, um poder estranho [que] está diante dele, então isto só é possível pelo fato de [o produto do trabalho] pertence a um *outro homem fora o trabalhador*. Se sua atividade lhe é martírio, então ela tem de ser *fruição* para um outro e a alegria de viver para um outro. “Não os deuses, não a natureza, apenas o homem mesmo pode ser este poder estranho sobre o homem”. (Marx, 2004, p. 86).

Assim, para Marx, a alienação e o estranhamento vão de encontro à emancipação humana, o que para o autor, se relaciona muito intimamente ao conceito de liberdade, ou seja, os homens se (re) conhecendo como potências, podem

caminhar na direção que quiserem. Esse processo de (re) descoberta eliminaria o fetiche da mercadoria e todas as outras formas de alienação, todas as possibilidades humanas estariam abertas para todos os homens. Seria a superação dos obstáculos que os impediam de realizar um múltiplo desenvolvimento de suas possibilidades humanas.

Por isso, retomo a questão, mas reformulando-a: a transposição da alienação, referente às relações produtivas, base da estrutura capitalista, garantiria a liberdade real do homem fora de sua vida produtiva?

De modo geral, a prevalência da ideia funcionalista, de que o lazer está sempre imune às formas de não-liberdade, de opressão, de alienação, como se ele integrasse um mundo independente de toda a lógica capitalista é, no mínimo, ingênua.

Acredita-se ser justamente o contrário, o lazer está tão submetido às coerções capitalistas quanto qualquer outra relação social. Este fato se justificaria simplesmente pela concepção de que é através da troca entre mercadorias que se dá, em última instância, as relações concretas. Nesse processo podemos perceber como as coisas são personificadas e as pessoas coisificadas.

Dentro deste contexto é que se insere o lazer, pois, não sendo somente um produto das relações sociais e de produção,

MARX E A PRODUÇÃO DO LAZER NA CONTEMPORANEIDADE

é também, uma necessidade que foi sendo forjada à medida que foi se constituindo como um campo propício à extensão das políticas capitalistas de lucro e acumulação.

O Lazer então, já não possui mais a simples função que é definida por sua denotação, a composição e complexidade das relações contemporâneas, forjadas a partir do fetichismo, da alienação e da mercadoria, imputam à prática desse uma nova funcionalidade, o de comunicador social. As atividades sociais e individuais de lazer constroem todo um corpo significativo de mensagens não verbais, mas que, de forma geral, posicionam, transmitem e criam, valores e sentido para aqueles inseridos nessa realidade.

A perpetuação desse fenômeno fica a cargo da cultura, ou seja, os resultados da atividade e da experiência humana são acumulados e transmitidos por meio dessa. A ideia de lazer que permeia nossas concepções é tão natural e despreziosa que, aparentemente, perde-se a relevância em questionar os meios e as formas pelas quais utilizamos nosso tempo liberado.

Uma abordagem possível, sobre a forma pela qual o lazer vem se construindo na contemporaneidade, diz respeito as análises “frankfurtianas” realizadas, mais precisamente, por Adorno e Horkheimer em sua obra *A dialética do esclarecimento* (Adorno e Horkheimer, 1985). Nessa, em

particular no capítulo referente à Indústria cultural, é possível observarmos, mediante ao tom alarmista e ácido da discussão, os riscos potenciais da extensão da lógica capitalista, mais precisamente mercadológica, ao desenvolvimento cultural. A crescente atrofia criativa e artística propõe a iminência de um estado cultural amorfo, edificado sobre uma massa homogênea de gostos e padrões. “Pois a cultura contemporânea confere a tudo, um ar de semelhança” (Adorno e Horkheimer, 1985).

Utilizo a Teoria Crítica, pois considero esta, sendo uma reflexão daquela primeira geração de pensadores da Escola de Frankfurt, um válido esforço ao recuperar a radicalidade da crítica de Marx ao capitalismo.

No capítulo supracitado (a Indústria Cultural: o Esclarecimento como mistificação das massas), vemos a referência a uma Instituição abstrata que não somente distrai ou aliena, mas também molda os gostos. A referida obra explora a tensão entre racionalidade e fantasia, fortalecendo o hedonismo, mas, posicionando-o como uma categoria balizada pelos desdobramentos do capitalismo.

Sob a roupagem da personalização, mergulhamos em um mar padronizado da produção em série, que, ao perpetuar o

MARX E A PRODUÇÃO DO LAZER NA CONTEMPORANEIDADE

indivíduo como independente, o submete cada vez mais aos desmandos do capital.

Os canais difusores de cultura e provedores de lazer se vulgarizam de tal forma, que uma contestação de tal realidade é extremamente difícil, pois, para os clamores e argumentos intelectuais, se sobrepõem as cifras dos rendimentos, respaldados e legitimados pelo modelo econômico vigente. “O inimigo que se combate é o inimigo que já está derrotado, o sujeito pensante” (Adorno e Horkheimer, 1985).

A Indústria Cultural conseguiu dar formas comerciais a elementos, supostamente, originários da mais profunda subjetividade humana, como a arte. Conseguiu despír o lazer e sua diversão da ingenuidade que residia em suas práticas, enfim, aperfeiçoou e explorou as mercadorias.

Para os consumidores, já existe toda uma programação desenvolvida a partir de uma logística realizada sobre dados estatísticos oriundos das falsas distinções entre categorias de um mesmo segmento. De antemão, já estamos condicionados a reprodução de projetos anteriormente bem sucedidos que, objetivam por último “o triunfo do capital investido” (Adorno e Horkheimer, 1985).

Sabidamente, a indústria cultural conservou-se como a indústria da diversão. Dessa característica abstraímos o primeiro

termo (indústria) e nos concentramos no segundo, a diversão (mesmo que essa faça parte de uma reprodução sistemática das fórmulas bem sucedidas).

Chegamos assim, a uma situação um tanto quanto irônica: essa suposta diversão oferecida pela indústria cultural, é, na realidade, “um prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio”.

Ao fugir da mecanização do trabalho, caímos na mecanização do lazer. Nesse ponto, mais uma vez, podemos conferir a sagacidade com a qual a indústria cultural se apropria do lazer. Através da mecanização e padronização do lazer, temos, conseqüentemente, a minimização dos esforços, ou seja, para quem foge da realidade exaustiva física e mental do mundo do trabalho, o lazer deve, por obrigação ser o oposto, a ausência total de esforços. A lógica do entretenimento deve ser clara, objetiva, sem mensagens ocultas das quais seja preciso uma reflexão para depreendê-la. O lazer se consolida como o império da monotonia.

Um filme demasiadamente complexo, repleto de mensagens subliminares, perde sua razão de ser, seu alcance é tão limitado, que pouquíssimos se identificariam. Uma obra cinematográfica para ser bem sucedida teve conter sobre tudo uma objetividade que para a sua apreensão, o espectador deva lançar mão não mais do que de seus

MARX E A PRODUÇÃO DO LAZER NA CONTEMPORANEIDADE

sentidos primários e alguns conhecimentos específicos, sendo arbitrário a recorrência de estímulos que incitem a atividade intelectual (Adorno e Horkheimer, 1985).

Em um mundo no qual o contato social é substituído pelas trocas comerciais e seus respectivos valores, “a indústria cultural maltrata a individualidade, pois é nela que está a fragilidade da sociedade” (Adorno e Horkheimer, 1985).

Nesse ponto, é possível retomarmos a previsão feita por Tocqueville em 1844. O risco de uma tirania da maioria é verificado sob o monopólio privado da cultura, “a tirania deixa o corpo livre e vai direto a alma” (Adorno e Horkheimer, 1985).

A não conformidade com os padrões e opções previamente estipuladas, acarreta a punição de uma impotência econômica e espiritual do indivíduo, em outras palavras, a marginalização, um *apartheid* entre você e a massa conformada. E, convenhamos, parafraseando Baudelaire, não é para todos tomar um banho de solidão.

Dessa forma, o presente texto se constitui não só como um início de pesquisa, mas, como um convite a ampliação do debate em relação aos meios analíticos sociais.

Em Marx, vemos que as contradições internas, o conflito de interesses entre as de classes gera um

ambiente propício à revolução. Mais do que isso, provoca um processo de auto reflexão, de tomada de consciência, e enfim, o reconhecimento do sujeito de uma classe.

Intelectuais de todo o mundo, uni-vos! E pensai...

Abstract

The present paper seeks to perform a sort of scape from the common place regarding Marx's analytical contributions. In a reflexive effort, accomplished by his works, we search, during this process to interpret his proposals and to use them in the concreteness of a phenomena that today, could be considered as a “good to think” category: the leisure. This paper defines itself as an attempt to relate themes that complement each other, providing a ray of light over a question that is also immerse in the obscurity of the natural realization of things, being reproduced and legitimized by a society which is numbed by the reification of its relations. Instead of creating a general perspective, highlighting the importance of Marx's studies, conceptualizing terms used and developed by him, it was decided, from the substratum that composes his theory, among others also important elements, to propose a thinking around the leisure phenomena. This has its reproduction tattooed in the society tissue, in a so natural way and logic that it's not even questioned. To back up this approach, will be used a few Frankfurtians thinkers who, through critic's developments, especially regarding the cultural industry, have theorized about the dangers present in this submissive movement. The cultural industry managed to commercialized elements, allegedly, subjective such as the art itself, it also stripped the leisure and its fun from its naivety, in the end, improved and exploited the merchandise. Wisely, it

MARX E A PRODUÇÃO DO LAZER NA CONTEMPORANEIDADE

kept itself as the fun industry. However this allegedly fun, provided by the cultural industry is, in truth, “a work extension under the later capitalism”.

Key words: Leisure, work, capitalism, cultural industry, merchandise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Adorno, T., & Horkheimer, M. (1985). *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Contraponto.

Dumazedier, J. (2004). *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva.

_____. (1976). *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva.

Fourastié, Jean. (n.d). *Do ócio como vício ao tempo liberado: ócio e turismo*.

Magnani, J G.(2000) *O corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade/ Heloísa Turini Bruhns e Gustavo Luis Gutierrez (organizadores)*. Campinas: Autores associados.

Marx, K. (1987). *Manuscritos econômicos e filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural.

_____. (1988). *O capital*. Livro I, volumes I e II. São Paulo: Difel.

_____. (1988). *O capital*. Livro III, volumes IV, V e VI. São Paulo: Difel.

_____& ENGELS, F. (1996) *As lutas de classes na França* in. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega.

_____. (2007) *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martin Claret.

OURIQUES. R. (2005). *A Produção do turismo fetichismo e dependência*. Campinas São Paulo: Editora Alínea.

QUINTANERO, T. *et al.* (2002). *Um toque de clássicos. Marx, Durkheim, Weber*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

WALLERSTEIN, I. (2001). *Capitalismo histórico e civilização capitalista*. Rio de Janeiro: Contraponto.

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora. Endereço Eletrônico: mimialencar@yahoo.com.br